

# Uma experiência para valorizar

## I

Qualquer sociedade não se aguenta nem progride, senão quando, equacionando-se em toda a fase do seu desenvolvimento, encontra mecanismos adequados de, pontualmente, e de maneira sólida e militante, se enquadrar, num horizonte temporal e espacialmente bem delimitado.

Poder-se-ia comparar uma sociedade a uma enorme equipa de futebol, uma equipa mergulhada em jogos ininterruptos, em que todos jogam e tomam — ou deviam tomar — a liberdade que lhes assiste nos seus movimentos dentro do rectângulo de jogos, como o hólofote que vai indicando, a cada um, o passo «necessário», com a consciência de que o mínimo deslize pode ser fatal para toda a colectividade.

Trata-se de jogar na perspectiva de essa sociedade se vencer a si mesma, para passar a ocupar, constantemente, lugares-cimeiros no grande campeonato da vida.

E, hoje e aqui, falar de vencer, de passar para níveis mais avançados de vida da sociedade moçambicana, é dizer, já com actos, que é tempo de a fome se 'calar nas barrigas das pessoas, condição sem a qual falar do resto é tão difícil como o estar-se numa situação de fome alta, com cidadãos acocorados nas esquinas das avenidas das cidades, vivendo de iniquidade ou, pura e simplesmente, comendo a expensas de outrem.

## II

Pretendia, com este apontamento, lançar um olhar, ainda que lacónico, sobre a «Operação Produ-

ção», na maneira de quem desejava opinar sobre alguns antecedentes e algumas experiências com que esta ofensiva pode contar ou está a contar.

Na verdade, o problema de congestionamento das cidades que a «Operação Produção» se propõe suavizar (será que expressão mais severa não pode caber?) não é, como já ouvi dizer, «filho legítimo» da independência de Moçambique.

Pese embora que a corrida desenfreada para os centros urbanos se tenha exacerbado nos últimos anos, e a ele se tenham associado e ainda continuam associados factores advindos de forças alheias e prejudiciais à necessidade de construir que reina neste e este País.

como sejam as calamidades naturais: cheias, ciclones e a maior seca de que Moçambique tem memória, tudo isto adicionado à acção dos bandos armados, um principal antecedente do problema é, porém, o de que, a deformação generalizada do desenvolvimento económico dos territórios ex-colónias, o mesmo que dizer da quase totalidade do chamado «Terceiro Mundo», pelas potências europeias, carregou, com uma das suas várias consequências, esta corrida descontrolada para as cidades, ocasionando uma dispersão e desorganização de um campesinato que é, ainda, o principal produtor da comida e que se vai acumular em cidades ainda embrionárias.

E, Moçambique, território colonizado por uma potência subcolonial, Portugal, teve o «seu» problema agravado, pelo facto de o seu desenvolvimento ter seguido um itinerário que o transformou num «subsídio» ao desenvolvimento do complexo britânico na África da Sul e nas ex-Rodésias, levando a que todo um populoso sul-do-Save fosse nada mais que reservatório de mão-de-obra... Trata-se de um problema já por demais sabido.

Teve-se, por outro lado — e sobretudo — que, à medida que iam propagando a vida folgada que eles gozavam nas cidades, com os seus cinemas, com os seus «Cafés», os fins-de-semana nas praias, parques e jardins públicos, os colonos iam levando o campo — especialmente a camada jovem — a sentir-se «só e esquecida» e, por consequência, a apaixonar-se pela cidade.

Só que, uma vez chegado a essa enorme pedra esculpida, o campônês apercebe-se de que, afinal, o único «prazer» que aí lhe está reservado é uma barraca de frestas às vezes maiores que as janelas da sua modesta mas bonita palhota, lá na «terra», num subúrbio insalubre, onde as necessidades da dessassimilação alimentar se fazem em latas, com outros consignatários dessa triste sorte, com os quais ele «reparte» essa frustração e, quiçá, por ver que afinal não sofre só, recusa essa realidade, uma recusa que se traduz na sua relutância em regressar à zona de origem.

...E, por culpa da ingenuidade de alguns, os semáforos, as longas avenidas reluzentes e arborizadas, o brilho dos reclamos, anunciando coisas que nem são as que ele necessita, e mesmo quando o são ele não pode, objectivamente, adquiri-las, as quinquilharias das feiras, essas coisas de monta nenhuma, chegam a ser causa para uma vida na cidade, sem geografia...

Após a nacionalização dos prédios de rendimento, o problema exacerbou-se ainda mais. O operário ou mesmo o funcionário público que até então repartia um mísero «quarto» de caniço com seja quem pudesse ser, sem condições para mandar vir a mulher, os filhos... passou a poder fazê-lo... e de que maneira!? Quer dizer, pretendeu-se reconstituir a família, no nosso estilo africano: veio a mulher, os filhos, mais a sogra, o cunhado («para arranjar serviço»), a irmã mais velha, já idosa, a mãe, já viúva...

Depois, ninguém mais regressou, mesmo depois de goradas todas as tentativas de «arranjar serviço»: preferiu-se a cidade, onde há «vida bom», como diz o cantor Xidiminguane, vivendo-se a expensas de outrém, essa humilhante maneira de viver, ou, como se pôde ver agora com maior intensidade, vivendo de candonga e de actividades aleatórias, de subemprego, como o ser «rapaz» do «tchova xita duma», expressão agora muito vulgar em Maputo, designando, ironicamente, pequenas carroças de duas rodas, para transporte de pequenas cargas, empurradas à mão.

### III

Como aspecto final e causal deste apontamento, gostaria de poder falar de factos que considero serem experiências importantes, com as quais a «Operação Produção» devia contar, se é que o não está fazendo.

Há já, de facto, experiências de Moçambique, conhecidas não só em Moçambique, como até fora dele, de reintegração social de indivíduos que, sendo não só improdutivos como até marginais, criminosos reconhecidos.

Foi, creio eu, uma primeira experiência que, pese embora que tenha tido, evidentemente, os seus

erros — alguns já detectados e corrigidos —, importa, na verdade, valorizar. Porque hoje, a experiência da transformação dessas pessoas em cidadãos não só livres de adjectivos pejorativos, como também orgulhosos de serem o que agora são, é um caminho que importa assaltar com a «Operação Produção», no aspecto relacionado com os cidadãos evacuados para províncias de que não são originários e onde, portanto, vão começar uma nova vida, sem bases anteriores.

Estou pretendendo aludir-me às experiências do Niassa, que são já prova do que uma correcta organização de uma sociedade em construção e dispo de quase meios materiais nenhuns pode produzir em indivíduos que se haviam alienado, em circunstâncias diversas, daquilo em relação ao que há um consenso geral de que são as vias normais de vida em sociedade.

Aliás, o facto de ter havido, durante a fase voluntária da «Operação Produção», cidadãos em número elevado que escolheram viver no Niassa, mostra que as experiências de que estou falando tiveram eco entre as pessoas.

Trata-se de um trabalho que teve o duplo mérito de reinserção social desses cidadãos e de, exactamente devido à complexidade dos problemas decorrentes do processo, ter exigido uma visão correcta de como resolver, pontualmente, os problemas no próprio local, reunindo todos os meios humanos e materiais aí existentes. Quer dizer, os cidadãos instalados em M'sawize, em Unango e em outros locais, não encontraram aí à sua espera, todos os meios necessários para começarem um novo futuro, mas nem por isso se ficou réblando no lodo, à espera das famosas «estruturas centrais», sem que queira isto dizer que as pessoas tiveram que inventar a pólvora para fazer o fósforo necessário para acender o lume com que se cozem os alimentos...

É um caminho através do qual se provou, pois, ser possível chegar-se a um lugar em que o amanhã das pessoas, pelo menos — e sobretudo — os das suas barrigas não seja assinado de cruz.

**TOMÁS VIEIRA MÁRIO**